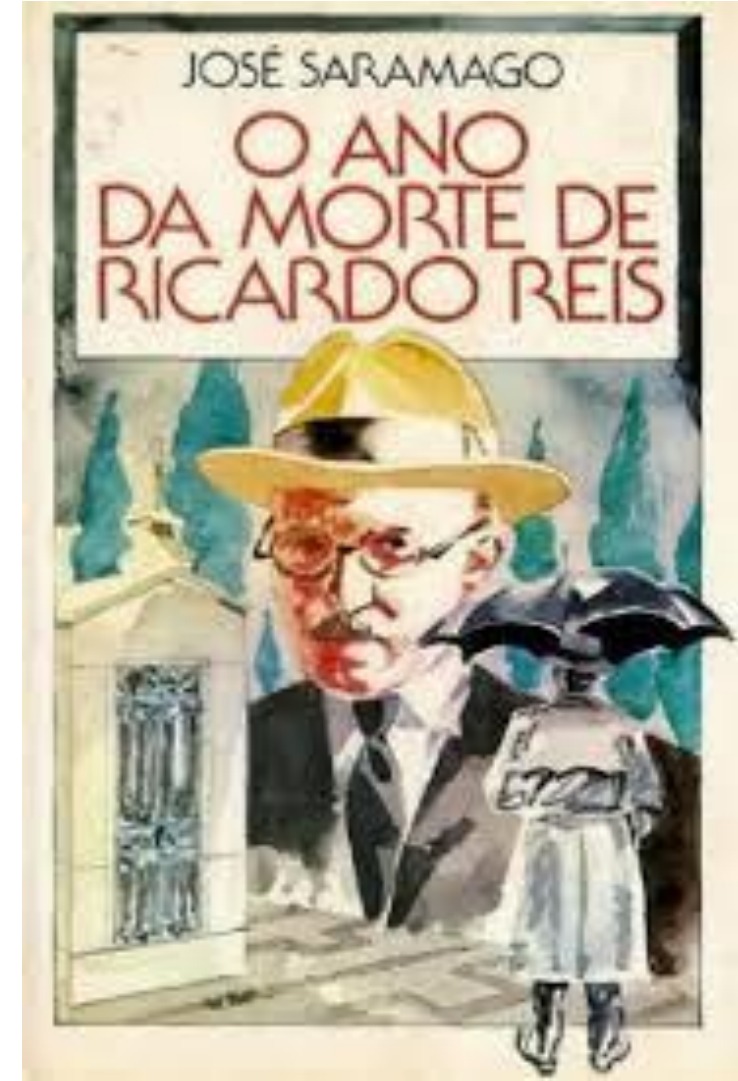


Português de 12.º ano

Educação Literária

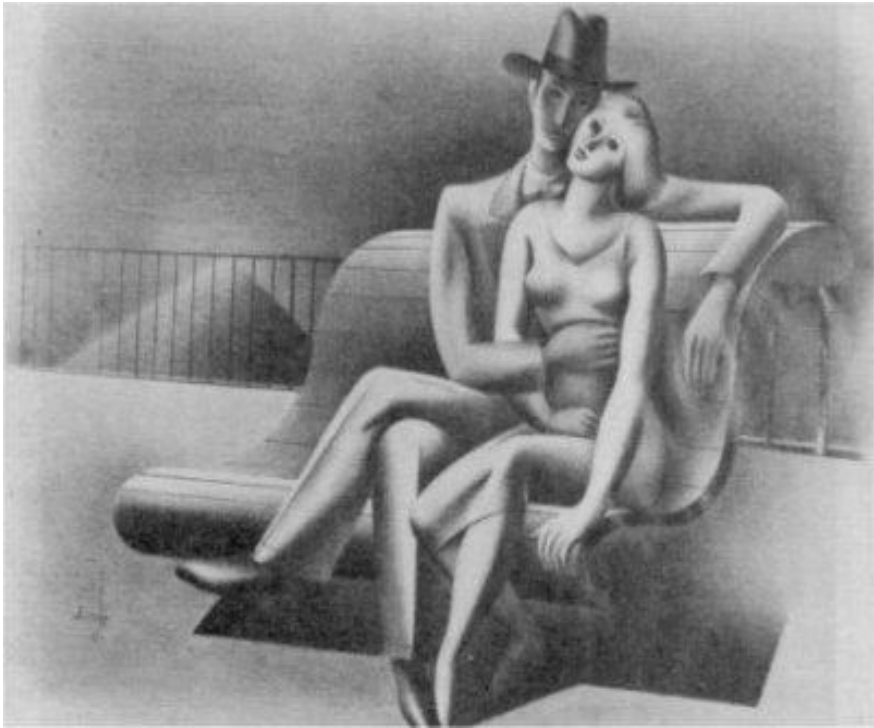


“[U]tilizo o romance como **veículo para a reflexão**. Reflexão sobre quê? **Sobre a vida**, sobre isto.”

- José Saramago



O Ano da Morte de Ricardo Reis



Representações do amor no romance

Marcenda

O nome (Cap. 16)

Saudoso já deste Verão que vejo.

Lágrimas para as flores dele emprego

Na lembrança invertida

De quando hei de perdê-las.

Transpostos os portais irreparáveis

De cada ano, me antecipo a sombra

Em que hei de errar, sem flores,

No abismo rumoroso.

E colho a rosa porque a sorte manda.

Marcenda, guardo-a; murche-se comigo

Antes que com a curva

Diurna da ampla terra.

- Ricardo Reis

Marcenda, espelho de Ricardo Reis



- 23 anos, vive em Coimbra
- Culta, educada
- Mão parálitica, desde a morte da mãe
- Submissa ao pai, incapaz de tomar as suas próprias decisões
- Atração pelo médico
- Figura etérea, semelhante às deusas das odes
- Mulher distante, incapaz de se entregar ao “espetáculo do mundo”

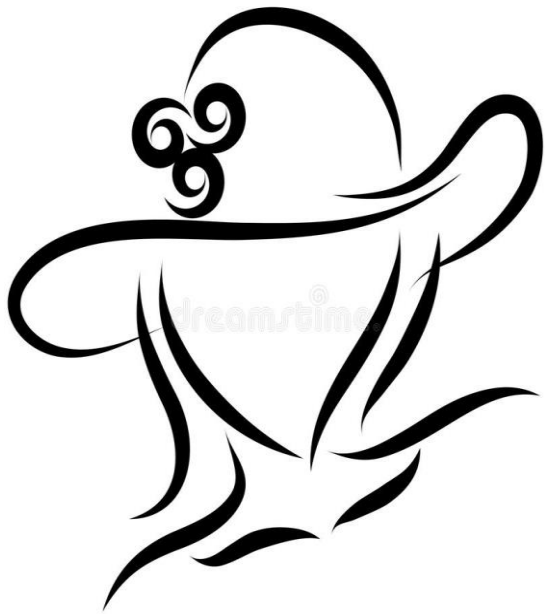
“Não seríamos felizes.”

- Marcenda, no consultório de Ricardo Reis: “É que eu gosto de si, Ricardo, só não sei quanto.”
- Conversam sobre a importância do primeiro beijo, ocorrido anteriormente: “Foi o meu primeiro beijo.”
- Reis pede Marcenda em casamento e ela rejeita:
“Marcenda, case comigo, disse Ricardo Reis, ela olhou-o, subitamente pálida, depois disse, **Não**, muito devagar o disse, parecia impossível que uma palavra tão curta levasse tanto tempo a pronunciar, muito mais tempo do que as outras que disse depois, **Não seríamos felizes.**”

• Cap. 13



Função moralizadora do narrador/autor



- **Mundividência da mulher:** interioridade dos mistérios femininos - **Lídia e Marcenda**
- Reflexão sobre o universo feminino do passado (1936) à luz da contemporaneidade – a **sexualidade, a sabedoria prática, a desigualdade de direitos, a função social**
- **Questionação de valores;** emergência de novas “verdades” através da ficção; **dignificação da Mulher**



Deambulação geográfica e viagem literária

**Encontros de Fernando Pessoa
e
Ricardo Reis**



- **Cap. 3 – 1º encontro, Hotel Bragança**

“Olham-se ambos com simpatia [...] Por enquanto saio, ainda tenho uns oito meses para circular à vontade [...] antes de nascermos ainda não nos podem ver mas todos os dias pensam em nós, depois de morrermos deixam de poder ver-nos e todos os dias nos vão esquecendo um pouco [...].”

- **Cap. 4 – 2º encontro, Rua dos Sapateiros**

“Se veio para dormir, a terra é boa para isso.”
(FP)

- **Cap. 5 – 3º encontro, Hotel Bragança: crítica de Pessoa a Reis**

“Apelou para a cumplicidade masculina, Não vamos poder conversar muito tempo, talvez me apareça aí uma visita, há de concordar que seria embaraçoso, **Você não perde tempo, ainda não há três semanas que chegou, e já recebe visitas galantes,** Depende do que queira entender por galante, é uma criada de hotel, **Meu caro Reis, você, um esteta, íntimo de todas as deusas do Olimpo, a abrir os lençóis da sua cama a uma criada de hotel, a uma serviçal, eu que me habituei a ouvi-lo falar a toda a hora, com admirável constância, das suas Lídias, Neeras e Cloes, e agora sai-me cativo duma criada, que grande decepção.**”

- **Cap. 7 – 4º encontro, café de bairro (Espanha e Portugal)**

“**O barco onde não vamos é que seria o barco da nossa viagem, Ah, todo o cais, É uma saudade de pedra [...]**”

- **Cap. 8 – 5º encontro, Alto de Santa Catarina** (crítica aos amores de Reis)

“E é mulher essa pessoa que você espera, É mulher, Bravo, vejo que você se cansou de idealidades femininas incorpóreas, trocou a Lídia etérea por uma Lídia de encher as mãos, que eu bem a vi lá no hotel, e agora está aqui à espera de outra dama, feito D. João nessa sua idade, duas em tão pouco tempo, parabéns, para mil e três já não lhe falta tudo [...] e agora peço-lhe que se vá embora [...] Nada feia, um pouco magrizona para o meu gosto, Não me faça rir, é a primeira vez na vida que o ouço explicar-se a respeito de mulheres, ó sátiro oculto, ó garanhão disfarçado, Adeus, caro Reis, [...] você afinal desilude-me, amador de criadas, cortejador de donzelas, estimava-o mais quando você via a vida à distância a que está [...].”

- Cf. Mito de D. João (figura libertina e subversiva que desafia os códigos sociais e religiosos).
- Cf. “A palidez do dia é levemente dourada”: Sereno e vendo a vida/À distância a que está. (Ricardo Reis)

- **Cap. 10 – 6º encontro, Casa do Alto** (solidão)

“Como disse o outro, **solitário andar por entre a gente.**”

- **Cap. 13 – 7º encontro, junto a Adamastor** (o amor; a morte, PVDE, Salazar)

“E aquela rapariga simpática, fina, a do braço paralítico, [...] Marcenda, É um gerúndio bonito, [...] Você gosta dela, Não sei, E da Lídia, gosta, É diferente, Mas gosta, ou não gosta, Até agora o corpo não se me negou, E isso que é que prova, Nada, pelo menos de amores. [...]

Diga-me, Fernando, quem é este Salazar que nos calhou em sorte, É o ditador português, o protetor, o pai, o professor, o poder manso, um quarto de sacristão, um quarto de sibila, um quarto de Sebastião, um quarto de Sidónio, o mais apropriado possível aos nossos hábitos e índole [...] quem diz muito bem dele é a imprensa estrangeira, [...].”

“Ora, são artigos encomendados pela propaganda, pagos com o dinheiro do contribuinte, **Mas olhe que a imprensa de cá também se derrete em louvações, pega-se num jornal e fica-se logo a saber que este povo português é o mais próspero e feliz da terra, ou está para muito breve, e que as outras nações só terão a ganhar se aprenderem connosco, O vento sopra desse lado, Pelo que lhe estou a ouvir, você não acredita muito nos jornais,** Costumava lê-los [...] Tenho os jornais no quarto, já vou buscá-los, [...] Você sabia que o Hitler fez anos, quarenta e sete [...] Quando Hitler fala é como se a abóbada de um templo se fechasse sobre o povo alemão [...] Hitler, presente de Deus à Alemanha, [...] Olhe que nós, por cá também não vamos nada mal em pontos de confusão entre o divino e o humano [...] É que , segundo a declaração solene de um arcebispo de Mitilene, Portugal é Cristo e Cristo é Portugal [...] **Ai esta terra, ai esta gente,** e não pôde continuar, havia agora lágrimas verdadeiras nos seus olhos [...], **Você não devia ter morrido tão novo, meu caro Fernando, foi uma pena, agora é que Portugal vai cumprir-se.**”

- **Cap. 15 – 8º encontro, Casa do Alto** (amores, destino, viglância da PVDE)

“Ricardo Reis estava no escritório, a tentar compor uns versos, escrevera, **“Nós não vemos as parcas acabarem-nos, por isso as esqueçamos como se não houvessem [..].”**



- **Cap. 16 – 9º encontro, Casa do Alto (política; mulheres)**

“Das duas, qual é a mãe, a sua Lídia ou a sua Marcenda, salvo se ainda há uma terceira mulher, com você tudo é possível, **Não há terceira mulher, não casei com Marcenda**, Ah, quer dizer que com a sua Marcenda só poderia ter um filho se casasse com ela, **E fácil concluir que sim, você sabe o que são as educações e as famílias**, Uma criada não tem complicações, **As vezes**, [...] Uma criada de hotel também é uma mulher [...] **Não penso casar com a Lídia e ainda não sei se virei a perfilhar a criança**, Meu caro Reis, se me permite a opinião isso é uma safadice [...] **Seja como for, não vou fugir**, Talvez porque a Lídia lhe facilite as coisas, **E verdade, chegou-me a dizer que não tenho que perfilhar a criança**, Porque será que as mulheres são assim, **Nem todas, De acordo, mas só mulheres o conseguem ser** [...] E que veem então os homens hábeis, **Um enigma, um quebra-cabeças, um labirinto, uma charada**. [...] Você tem tanto medo das mulheres como eu tinha, **Talvez ainda mais.**”

- **Cap. 17 – 10º encontro, Prazeres** (golpe militar em Espanha)

“[...] não sei se você sabe que começou a guerra civil em Espanha [...].”

- **Cap. 19 – 11º encontro, Casa do Alto** (morte de Ricardo Reis)

a terra espera ...

- “Aqui o mar acaba e a terra principia.”

Cap. 1

- “O Adamastor não se voltou para ver, parecia-lhe que desta vez ia ser capaz de dar o grande grito, **Aqui, onde o mar se acabou e a terra espera.**”

Cap. 19



Reis saramaguiano

- contemplação do “espetáculo do mundo”
- deambulação no labirinto da cidade e da vida
- incapacidade de se definir e de agir
- ataraxia doentivamente fantasmática
- mar de apatia e indiferença
- sabedoria ineficaz, porque não-vida
- **Reis humanizado**, parece condenado à morte



O Ano da Morte de Ricardo Reis

- irreverência discursiva
- multirreferencialidade
- reflexão sobre o que é a vida e o amor, a mulher, o País
- análise profunda do Homem e busca de “[...] **não já tanto saber de onde vimos, mas sobretudo quem somos.**”





José Saramago

“A nossa grande tarefa está em nos conseguirmos tornar mais humanos.”